

Krupp modelo 1912, foram encomendados por Hermes da Fonseca para o Forte do Campinho no Rio de Janeiro, cujas obras nunca se concluíram, "ficando em depósito até a década de 30, quando foram usados para as defesas de Santos". Esse canhão de tiro curvo pesava cerca de 10 toneladas, disparando um projétil de 345 kg que alcançava a distância horizontal de 9.000 metros.

O Forte dos Andradas possuía dois edifícios de aquartelamento, um na elevação do morro (Quartel de Guerra) e o outro na praia do Monduba (Quartel de Paz). Recentemente foi construído um novo aquartelamento inaugurado em 1997.

O aperfeiçoamento dos aviões bombardeiros na Segunda Guerra, o fracasso da Linha Maginot na França em 1940 (o maior sistema subterrâneo fortificado), a invenção alemã dos foguetes v₁ e v₂, etc., tornaram inviável a conclusão do Forte General Rego Barros em Itaipú. Iniciava-se a "era dos mísseis" na história da artilharia. As fortalezas fixas de costa foram paulatinamente desativadas, sendo substituídas pelas modernas baterias móveis, constituídas pelos lançadores de foguetes Astros-II. O sistema móvel foi



Vista das instalações subterrâneas do Forte General Rego Barros que ficou inacabado

implantado na defesa do Porto de Santos em 1999, constituindo-se na terceira geração de material de artilharia da Fortaleza de Itaipu.

O Astros-II é um "Sistema de Artilharia para Saturação de Área" e pode lançar quatro tipos de foguetes com alcance variando entre 10 e 98km. É composto pelas seguintes unidades móveis: controladora de fogo, lançadora múltipla de foguetes, viatura remuniadora e viatura meteorológica, que podem se deslocar em qualquer tipo de terreno, inclusive serem transportados através de aeronaves. É a "cortina de defesa virtual".

A arquitetura militar perdeu assim uma de suas funções que vinha desde a antiguidade. Foi o último capítulo da história das fortificações de costa no Brasil.

NOTAS:

1 "Forte que substituirá o atual da Barra Grande - Planta nº 9" do memorial do Capitão Erico Augusto de Oliveira de 01/12/1897. Arquivo Histórico do Exército, cópia IPHAN-SP.

2 Ofício da "Comissão de Defesa de Santos" nº 125, datado de 29/09/1907 e assinado pelo Ten. Cel. Augusto Villeroy, encaminhado ao Gal. Modestino Augusto de Assis Martins, Diretor de Engenharia. Arquivo Histórico do Exército, cópia IPHAN-SP.

3 Amorim, Major Annibal. "História das fortificações do Brasil". Transcrito no Boletim do Estado-maior do Exército, nº 4, ano XI, Outubro a Dezembro de 1921, Vol. xx, pp.417-427.

AS FORTIFICAÇÕES DESAPARECIDAS DO CANAL DE SÃO SEBASTIÃO

VICTOR HUGO MORI



Postal da Ilha Bela de 1910.

A Vila Bela da Princesa, foi criada por Provisão Real de 24/11/1807, assinada pelo Príncipe Regente D. João. A denominação da vila, foi dada pelo governador Antônio José da Franca e Horta.

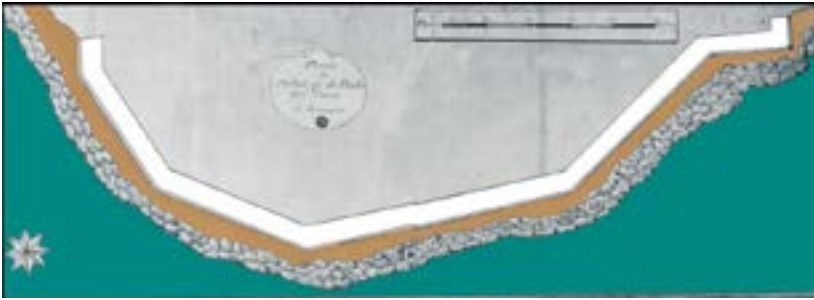
A PROTEÇÃO DO PORTO DE SÃO SEBASTIÃO

Após a expulsão dos franceses do Rio de Janeiro e a pacificação dos tamoios, o litoral norte do Estado começou a ser ocupado por sesmeiros. A produção-de-cana de açúcar transplantada de São Vicente fomentou a criação das povoações de São Sebastião e Ubatuba na primeira metade do século XVII.

As atividades rurais estavam dispersas em engenhos ou fazendas auto-suficientes ao longo da costa, assim, o Canal de São Sebastião, situado no limite das capitanias de São Vicente e Santo Amaro, foi desconsiderado pela política de defesa militar até o final do século XVIII. A economia da região ganhou impulso em meados do século XVIII com o Contrato de Baleias (monopó-



“Villa de S. Sebastião”, em 1815, de João da C. Ferreira – Soc. de Geografia de Lisboa



Planta do Forte da Ponta das Canas desenhada pelo ten. cel. Teixeira Cabral. O Forte foi projetado durante o governo do Morgado de Mateus. AHE

lio real), cuja Armação foi levantada na Ilha de São Sebastião (Ilha Bela). Em 1770, iniciaram-se as obras do Forte da Ponta das Canas em pedra e cal, no extremo norte da Ilha, visando à proteção da fábrica de óleo de baleia. Essa bateria nunca chegou a ser concluída, provavelmente, em função da decadência das “feitorias meridionais” como as de São Sebastião e Bertioga. Dessa fortificação, restaram poucos vestígios.

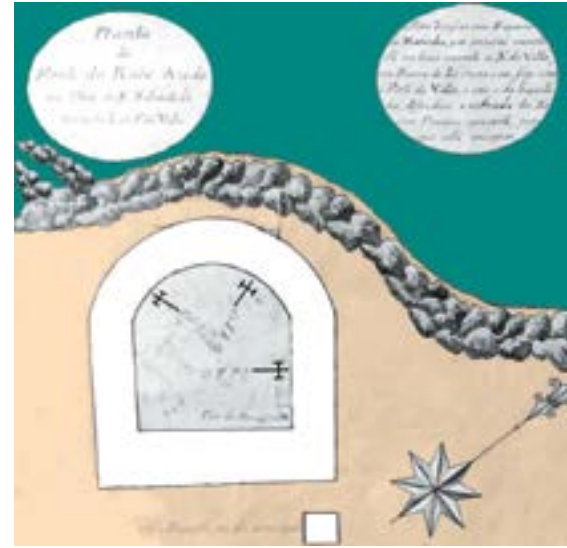
No início do século XIX, aumentou significativamente a produção de açúcar e aguardente fortalecendo a economia local. Em 1836, foram

arrolados na região de São Sebastião dezessete engenhos de açúcar e vinte alambiques, como o Engenho Santana no continente e os Engenhos d’Água e o de São Matias na Ilha Bela. O desenvolvimento da produção cafeeira serra acima também se refletiu na região. Surgiram sobrados senhoriais e casas comerciais nas vilas de São Sebastião, Ubatuba e Bela da Princesa. A proteção ao Porto de São Sebastião passou a ser então uma prioridade do governo instalado no Rio de Janeiro.

Em 1820, o major Maximiliano Augusto Penido projetou e cons-



Reconstituição do Engenho São Matias, pelo arquiteto Antônio Luiz Dias de Andrade



Planta do Forte do Rabo Azedo desenhada pelo ten. cel. Teixeira Cabral AHE

truiu um sistema de defesa ao longo do canal com pequenas fortificações. Todas as baterias eram de faxina (madeira e terra), com planta semi-circular semelhantes aos ultrapassados redutos de Monserrate, de Itapema e do Goes no Porto de Santos.

A entrada norte do canal era protegida na parte continental pela Bateria da Sapituba (dois canhões calibre 12) e pelo Forte de Santa Cruz (duas peças calibre 12 e uma calibre 24) situado ao sul em uma elevação próxima. No lado da Ilha de São Sebastião, cruzando fogo com essas duas baterias, localizava-se o Forte do Rabo Azedo (três peças calibre 12) ao norte da Vila Bela, que, em 1826, lançou fogo contra a corveta argentina Sarandy comandada pelo Almirante Guilherme Brown.

A proteção do porto, no meio do canal, era assegurada pelo Forte

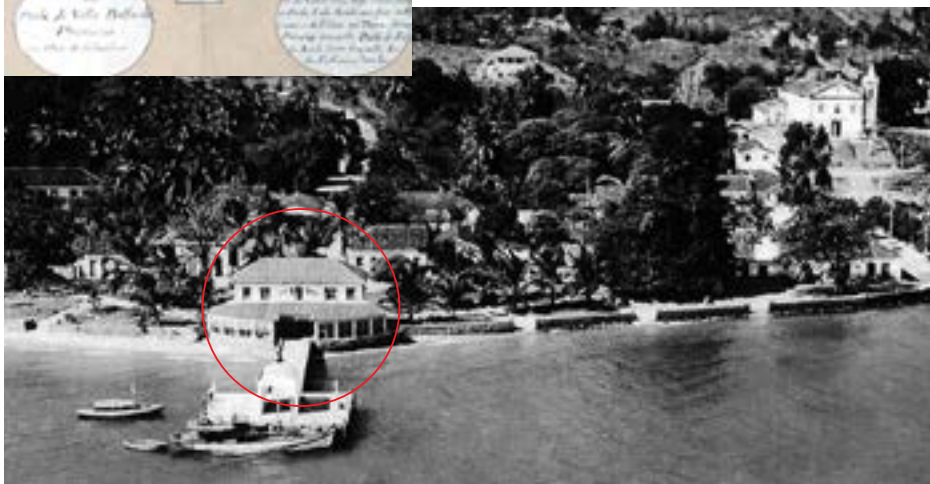
da Vila de São Sebastião (doze peças de calibres variados) defronte à vila, que cruzava fogo com o Forte da Vila Bela da Princesa (três peças de calibre 12 e uma de calibre 9) do outro lado do canal. Os fogos dos fortes de Santa Cruz e do Rabo Azedo formavam contra-baterias complementares aos redutos das vilas.



Planta do Forte da Feiteira desenhada pelo ten. cel. Teixeira Cabral AHE



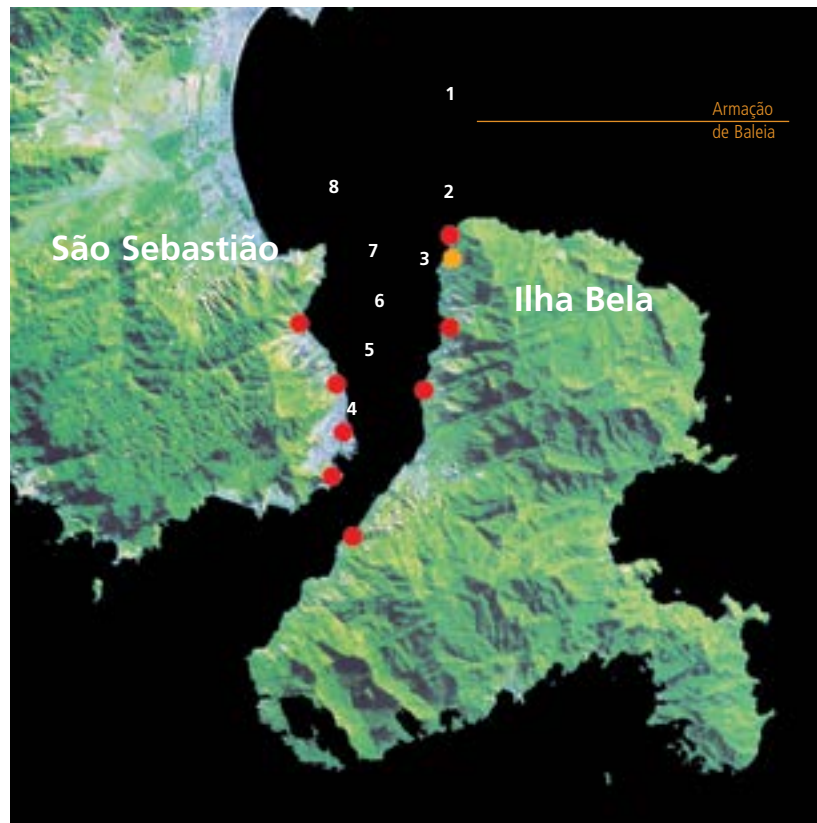
Planta do Forte da Vila Bela da Princesa desenhada pelo ten. cel. Teixeira Cabral (esq.) AHE
O "Cartão Postal Colombo", de 1950 da Ilha Bela, sugere que a construção do antigo pier de atracação aproveitou o embasamento do forte de Vila Bela da Princesa. (abaixo)



A entrada sul do canal era protegida na parte continental pelo Forte do Araçá (quatro peças calibre 12) em um morro ao sul da vila (Ponta do Araçá). Cruzando fogo com essa bateria pelo lado da Ilha de São Sebastião, situava-se o Forte da Feiticeira com o seu quartel (duas peças calibre 9) em uma elevação junto a praia.

A chegada da ferrovia a Santos monopolizou todo o escoamento da produção agrícola do estado para esse porto na segunda metade do século XIX. Os engenhos do litoral

norte também entraram em decadência. O Porto de São Sebastião perdeu sua relativa importância nesse período. As pequenas fortificações construídas de terra e estacada (faxina) não resistiram ao abandono. Os desenhos do Tenente Coronel Teixeira Cabral, do Imperial Corpo de Engenheiros Militares (Arquivo Histórico do Exército), aqui reproduzidos, demonstram a simplicidade e a precariedade dessas construções. Nada restou das únicas fortificações projetadas e construídas no século XIX em São Paulo.



O Sistema de Defesa do Canal de São Sebastião INPE

- | | |
|-----------------------------------|-----------------------------------|
| 1) Forte da Ponta das Canas | 5) Forte do Araçá |
| 2) Forte do Rabo Azedo | 6) Forte da Vila de São Sebastião |
| 3) Forte da Vila Bela da Princesa | 7) Forte de Santa Cruz |
| 4) Forte da Feiticeira | 8) Forte da Sapituba |



Ruínas do Forte da Ponta das Canas e um dos seis canhões que existiam no local do Forte do Araçá fotografados pelo IPHAN em 1937